



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA – DLI

NADSON CARDOSO DE JESUS

VOZES NEGRAS NA LITERATURA: O CASO *TORTO ARADO* (2019)

ITABAIANA/SE

2022

NADSON CARDOSO DE JESUS

VOZES NEGRAS NA LITERATURA: O CASO *TORTO ARADO* (2019)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Éverton de Jesus Santos.

ITABAIANA/SE

2022

NADSON CARDOSO DE JESUS

VOZES NEGRAS NA LITERATURA: O CASO *TORTO ARADO* (2019)

Aprovado em: 15 / 06 / 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa, avaliado pela seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Éverton de Jesus Santos (UFS)
Orientador

Prof. Me. Jeferson Rodrigues dos Santos (UFS)
Examinador

ITABAIANA/SE

2022

Este trabalho é todo dedicado à minha mãe, Ana Maria Cristina de Jesus, pois é graças à sua dedicação que hoje posso finalizar o meu curso. Dedico também a todos a quem esta pesquisa consiga ajudar de alguma forma, a todos os que me auxiliaram ao longo desta jornada e dedico ainda ao meu orientador, Éverton de Jesus Santos, sem o qual não seria possível concluir esta difícil tarefa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Ana, sem dúvidas a maior mestra da minha vida, a qual sempre acreditou em mim, e ao meu padrasto, Diogenes Alves de Oliveira, por terem me dado força e sustentabilidade financeira. Aproveito a oportunidade ainda para agradecer por todo suporte, incentivo e amor que me deram em casa.

À minha irmã, Nadja Cardoso de Jesus, por todo amor e pela troca de experiências.

À minha namorada, Débora Deise de Jesus Nascimento, pela dedicação oferecida, pelos momentos de companheirismo e pela compreensão nos momentos de ausência.

Agradeço aos professores que fizeram parte deste percurso acadêmico pela disposição em ajudar e contribuir para um melhor aprendizado, em especial ao meu professor e orientador Éverton de Jesus Santos pela oportunidade de me orientar na conclusão deste trabalho, pelo auxílio e por toda paciência.

Aos discentes do curso, dos quais com o passar do tempo tornei-me amigo por compartilharmos as mesmas experiências. Agradeço-lhes por vibrarem juntamente comigo, a cada etapa vivenciada, nesta fase de graduação. Agradeço em especial aos meus estimados colegas e amigos de curso com quem realizei a maioria das atividades, Antônio Alfredo Santana Santos, Douglas Magnilson Santos da Silva e Marcos Roberto Santos de Jesus, obrigado pelo companheirismo.

Agradeço também à instituição por ter proporcionado a chance e todas as ferramentas que me permitiram concluir este percurso de forma satisfatória.

Agradeço a todos os meus amigos, que sempre estiveram torcendo por mim.

Por fim, agradeço a todas as outras pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com o sucesso deste trabalho.

*Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.*

*Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.*

*Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.*

*Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.*

(Conceição Evaristo, 2008)

RESUMO

O presente trabalho centra-se nas vozes negras na literatura e, concomitantemente, na forma como essas vozes aparecem e dialogam metalinguisticamente sobre si no romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo principal apresentar um estudo sobre o modo como as vozes negras na literatura aparecem e/ou o porquê não aparecem, juntamente com um estudo analítico sobre como a voz negra é representada na obra contemporânea *Torto Arado* (2019). Mais especificamente, pretende-se alcançar os seguintes objetivos: A) abordar sobre as dificuldades de representação da voz negra na literatura; B) realizar estudo analítico sobre a representação negra na obra *Torto Arado* (2019); C) apontar as transformações que ocorreram/estão ocorrendo e as permanentes dificuldades de representação do ser negro e da voz negra nas obras literárias. A escolha temática se deu graças à gritante necessidade de abordagem sobre a falta de autores, personagens, narradores e, até mesmo, leitores negros. Para tanto, foram realizadas leituras e marcações de trechos a serem utilizados do romance em análise. Ao mesmo tempo, foram realizadas buscas no Google Acadêmico com objetivo de encontrar textos que tratassem sobre a representação da voz negra ou da ausência dela na literatura e também que abordassem aspectos do livro *Torto Arado* (2019). Desse modo, este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, fundamentado em revisão bibliográfica e com caráter analítico-expositivo. Assim, a partir das pesquisas realizadas, ancora-se nos pressupostos teóricos de representatividade de Regina Dalcastagnè (2012), a qual versa, a partir da concepção de representação de Pierre Bourdieu, sobre a falta de diversidade representativa na literatura brasileira contemporânea e sobre as razões que geram essa escassez. A realização deste trabalho vem a contribuir principalmente para que sejam ao menos arranhados alguns paradigmas e pressupostos que impossibilitam a diversidade literária e deslegitimam a literatura negra e a sua necessidade.

Palavras-chave: Diversidade literária. Literatura contemporânea. Representação negra. Literatura negra.

ABSTRACT

The present work focuses on black voices in literature, and, concomitantly, on how these voices appear and dialog metalinguistically about themselves in the novel *Torto Arado* (2019), Itamar Vieira Junior's book. In this way, the main purpose of the present research is to present a study on how black voices in literature appear and/or why they do not appear, along with an analytical study on how the black voice is represented in the contemporary work *Torto Arado* (2019). More specifically, it is intended to achieve the following objectives: A) address the difficulties of representation of the black voice in literature; B) perform analytical study on the black representation in the work *Torto Arado* (2019); C) point out the transformations that have occurred/are occurring and on the permanent difficulties of representation of being black and the black voice in literary works. The thematic choice was made thanks to the blatant need to address the lack of black authors, characters, narrators, and even black readers. To this end, readings were done and excerpts to be used from the novel under analysis were marked. At the same time, searches on Google Scholar were carried out in order to find texts that dealt with the representation of the black voice or the absence of it in literature and also that addressed aspects of the book *Torto Arado* (2019). Thus, this work is characterized as a qualitative study with an analytical-expositional character. Thus, based on the research, it is anchored on the theoretical assumptions of representativeness by Regina Dalcastagnè (2012), which verses, based on Pierre Bourdieu's concept of representation, about the lack of representative diversity in contemporary Brazilian literature and the reasons that generate this scarcity. This work will contribute mainly to at least scratching some paradigms and assumptions that make literary diversity impossible and delegitimize black literature and its necessity.

Keywords: Literary diversity. Contemporary literature. Black representation. Black literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 INVISIBILIDADE DO NEGRO NA LITERATURA.....	122
1.1 O escritor negro na literatura.....	14
1.1.1 <i>O escritor negro tempos atrás</i>	155
1.1.2 <i>O escritor negro atualmente</i>	177
1.2 Personagens negros na literatura	18
1.2.1 <i>Antes</i>	18
1.2.2 <i>Atualmente</i>	20
2 O ROMANCE TORTO ARADO E A LITERATURA NEGRA CONTEMPORÂNEA.....	22
2	
2.1 <i>A obra Torto Arado (2019).....</i>	233
2.2 <i>Torto Arado como um romance histórico, um vislumbre da realidade</i>	31
3 LITERATURA NEGRA E MUDANÇA	344
3.1 O que não se alterou	34
3.2 O que já mudou	35
3.3 O que ainda precisa mudar	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	433

INTRODUÇÃO

De acordo com o estudo efetuado pela professora Dra. Regina Dalcastagnè, em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), a literatura negra, também conhecida como afro-brasileira, permanece às margens do cânone literário. Segundo a pesquisa realizada, os autores literários são, em sua extrema maioria, brancos (93,9%) e homens (72,7%), e a maioria tem origem no Rio de Janeiro (36,4%), em São Paulo (13,3%), no Rio Grande do Sul (12,7%) e em Minas Gerais (10,9%). Sobre os personagens, 7,9% são negros e possuem pouca voz: são somente 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores. Nota-se, nesse contexto, que os negros, as mulheres e as demais regiões do país continuam tendo pouco espaço, sendo pouco representados, pouco lidos e pouco estudados. Em outras palavras, no que diz respeito ao nosso foco de estudo, existe uma disparidade gritante entre as vozes de autores e personagens brancos e negros na literatura canônica brasileira. Assim, é importante indagar sobre o que contribui para essa disparidade, para a invisibilidade do negro na nossa literatura.

Partindo desse prisma, esta pesquisa sobre como a voz negra tem sido apresentada/representada em obras literárias brasileiras contemporâneas, com foco em *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, tem por intuito, através do estudo da obra mencionada, contribuir nessa seara da representação literária da negritude, expondo circunstâncias pelas quais a voz negra tem de passar para estar em evidência. Isto é, este estudo tem por escopo contribuir para que textos literários e vozes às margens, termo usado por Dalcastagnè, cheguem à academia, sejam lidos e ouvidos e estejam no centro dos debates, uma vez que, nas palavras da estudiosa (2018, p. 196), “o peso da crítica universitária é visível na definição e redefinição do cânone passado, mas é ainda mais crucial no que diz respeito à produção literária contemporânea”. Com isso, visa-se contribuir para a exposição de obras que dialoguem com a questão e que contribuam para a diversidade literária.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: abordar sobre as dificuldades de representação da voz negra na literatura, seja como autor/a (tendo dificuldade em publicar por ser negro/a), seja como personagem (tendo sua voz silenciada); realizar estudo analítico sobre como a obra literária *Torto Arado* (2019) apresenta/representa a voz negra; fazer apontamentos sobre as mudanças que ocorreram/estão ocorrendo e sobre as permanentes dificuldades de representação do ser negro e da voz negra nas obras literárias.

O que se percebe a partir da questão levantada é que esses obstáculos persistem graças à literatura ser uma manifestação social.

Para a realização desta pesquisa de caráter qualitativo e analítico-expositivo, a metodologia utilizada pautou-se, a partir da escolha do tema, na leitura inicial do romance selecionado para análise, na medida em que acerca dele já havia discussões em relação à temática negra que eram de conhecimento e de interesse deste pesquisador. Numa segunda leitura, foi realizada a marcação de trechos que poderiam ser utilizados para posterior análise, tendo em vista o delineamento do tema e as leituras possíveis dos excertos. Ao mesmo tempo, fez-se necessário, para a revisão bibliográfica, buscar no Google Acadêmico textos que tratassem da representação da voz negra, ou da ausência dela, e também que abordassem aspectos do livro *Torto Arado* (2019), de modo a constituir, assim, uma fundamentação teórico-crítica que embasasse nossas discussões e ampliasse nossa perspectiva diante da obra. Assim, esse modo de estudo se caracteriza, principalmente, pela seleção e reflexão acerca de passagens (trechos do romance) que estejam intrinsecamente ligadas com a representação (ou a falta dela) da voz negra na literatura, nas escolas, na sociedade etc.

Dessa forma, para respaldar a produção desta pesquisa, foram utilizados como arcabouço teórico-crítico trabalhos de vários autores, entre eles: Almeida (2018), com sua abordagem do racismo estrutural; Castilho (2004), que aborda sobre o escritor e o personagem negros na literatura; Dalcastagnè (2005, 2008, 2011, 2012, 2018), apoiando-se principalmente na sua pesquisa sobre a literatura contemporânea brasileira; Duarte (2014), com suas definições sobre o que é literatura negra; Evaristo (2009), com sua pesquisa sobre a literatura negra; Godoy (2012), com seus apontamentos sobre o modernismo e a raça negra; Lima (2010), em seu artigo sobre o *epistemicídio* da literatura negra; Proença Filho (2004), que faz um levantamento histórico da presença do negro e da temática negra na literatura; Scalia (2012) e sua perspectiva do romance *Torto Arado*, além de outros mais.

No que se refere ao desenho da pesquisa, para além desta introdução, das considerações finais e das referências, tem-se o seguinte: o primeiro capítulo busca apresentar, de forma resumida, um percurso histórico de como a representação do negro tem ocorrido ao longo dos anos, adentrando de forma resumida a autoria bibliográfica e a representatividade nos romances brasileiros contemporâneos.

Já o segundo capítulo apresenta reflexões sobre como a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, dialoga sobre os negros e sobre o silenciamento que eles sofrem.

O terceiro visa apresentar uma síntese das mudanças ocorridas e o que ainda precisa mudar para que o negro tenha sua representação “plena” alcançada.

Dito isso, cabe reforçar que uma das principais colaborações desta pesquisa consiste em evidenciar o fato de que a presença dos negros na literatura canônica brasileira está relegada a

um segundo plano. Em determinados momentos, eles nem aparecem e em outros são retratados de forma depreciativa, desumanizante, procurando lhes atribuir características negativas, implícita ou explicitamente. Ou seja, o que sobressai é que, consciente ou inconscientemente, os/as escritores/as acabam retratando o pensamento da sociedade elitista – branca colonialista europeia – da época, mais precisamente até o início do século XX, a qual via os/as escravizados/as como pessoas inferiores.

1 INVISIBILIDADE DO NEGRO NA LITERATURA

Antes de tudo, é importante ressaltar que, no presente trabalho, será utilizada a expressão “literatura negra”, mas vale destacar que esse “tipo” de literatura possui termos “sinônimos”, como literatura afro-brasileira, preferido por estudiosos como Eduardo de Assis Duarte; literatura negra-brasileira; afro-literatura etc. Também é importante salientar que permanece em constante discussão o que pode ser considerado uma literatura negra. Assim, cabe apresentar o que Domício Proença Filho entende por literatura negra:

[...] será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (1988 apud DUARTE, 2014, p. 262).

Partindo dessa perspectiva, é possível assimilar que as dificuldades de representação da voz negra na literatura ainda são recorrentes. Esse fato é atestado por Cuti, ativista da literatura e cultura negra; para ele, a literatura brasileira canônica ainda é demasiadamente branca “em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço” (CUTI apud EVARISTO, 2009, p. 20). Esse fato também pode ser constatado pela professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, em seu artigo “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”; nele, a autora, a partir do resultado da análise de 258 romances publicados entre 1993 e 2008, por três grandes editoras brasileiras, afirma que “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 44). Essas dificuldades de representação ocorrem porque a literatura é uma manifestação social, isto é, o problema está inicialmente impregnado na sociedade, e a literatura pode ser entendida como um reflexo dessa realidade. Antes de tudo, é preciso que a sociedade se abra para a diversidade, se abra para o negro e deixe de ocultá-lo, deixe de silenciá-lo e de silenciar as raízes dele. A sociedade precisa passar a tratar o negro, o racismo histórico e estrutural, decorrente do colonialismo e do escravismo, como um fator constitutivo da sociedade brasileira em si e deixar de priorizar somente a literatura de um grupo social tido como modelo (o branco, patriarcal, heterossexual, dos grandes centros urbanos etc.).

Dito isso, é importante ressaltar o que Conceição Evaristo fala sobre a forma que os negros encontraram de resistir aos silenciamentos impostos:

[...] histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (2009, p. 19).

Ou seja, a oralidade foi o principal meio pelo qual os negros silenciados, de diversas formas, conseguiram manter resquícios de sua ancestralidade. Elementos dessa oralidade se tornaram pilares constituintes de crenças, mitos e costumes da sociedade brasileira, que ora são relegados e ora são desprezados pela “elite branca colonialista brasileira”. Segundo Evaristo, essa elite não nega que os negros foram formadores de vários produtos culturais brasileiros, no entanto, quando se trata do campo literário, a estudiosa compreende que “cria-se um impasse que vai da dúvida à negação” (EVARISTO, 2009, p. 19). A autora exemplifica com o samba, estilo que possui elementos constituintes de autoria do negro e que não são negados pela elite. Já quando se trata da literatura, percebe-se um silenciamento nítido de autores e de personagens, e a autora questiona: “Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira?”. Esse questionamento levanta diversas questões que implicam, principalmente, reconhecer a literatura como um elemento de dominação. Essa articulação é feita nas palavras da autora em forma de pergunta: “Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos?”. A resposta para essa pergunta é muito clara, uma vez que, escancaradamente, autores e personagens negros são deixados extremamente à margem do cânone literário, fato que pode ser constatado ao se observar que, no decorrer do tempo, foram impostos diversos tipos de impedimento à divulgação dessas obras: em alguns casos com pouca circulação e esquecidas em prateleiras; em outros sofrem o apagamento intencional da autoria; e outros mais que ocultam a etnia dos autores (EVARISTO, 2011).

Dessa forma, cabe destacar que, assim como em outros países, a lembrança da escravidão no Brasil foi inicialmente ocultada e posteriormente recontada de diferentes maneiras; essas novas “versões” fizeram com que até mesmo os próprios descendentes de escravos tentassem apagar os traços de suas negritudes na busca por ocultar as marcas do passado e a condição de escravizado imposta aos seus ancestrais. É somente a partir dos anos 1980 que uma consciência negra retalhada começa a surgir no panorama da Literatura Brasileira, ou seja, precisou-se de cerca de 100 anos após a abolição da escravidão no Brasil para que se iniciasse o processo de representação do negro na literatura, processo que ocorreu graças ao surgimento da emergente literatura negra ou afro-brasileira. Essa literatura buscou e

busca reescrever a história a partir do ponto de vista dos que antes foram silenciados, a exemplo de grupos culturais/editoras preocupados em visibilizar tais questões, a exemplo do Grupo Quilombhoje e dos Cadernos Negros. Contudo, isso ainda é muito pouco. Transformando isso em metáfora, seria o mesmo que uma gota perto de um mar de “invisibilização”, uma vez que essa literatura ainda permanece ausente do ensino da literatura nas escolas e fica fora da maioria das bibliotecas e dos catálogos das grandes editoras; reforçando ainda mais, cabe também ressaltar o fato de que só recentemente – começo do século XXI – obras de literatura negra começaram a receber premiações e indicações para academias literárias.

1.1 O escritor negro na literatura

Dalcastagnè, em seu já mencionado livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), atesta a inexpressiva presença de escritores negros na literatura. Os dados da pesquisa da professora, como mencionado na introdução, expõem que, em sua extrema maioria, quem escreve no Brasil é a “elite intelectual”, formada por homens (72,7%), brancos (93,9%) e de classe média, os quais já “estão presentes também em outros espaços privilegiados de produção de discurso, notadamente na imprensa e no ambiente acadêmico” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 182). Assim, é possível assimilar que os escritores e as escritoras de literatura negra estão ausentes das principais editoras e antologias unicamente por não pertencerem a esse padrão, por serem “diferentes”, simplificando ainda mais, por serem ou retratarem negros.

A autora alega também que “os silêncios da narrativa contemporânea, quando conseguimos percebê-los, são reveladores do que há de mais injusto e opressivo em nossa estrutura social” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 223). De acordo com a fala da professora, é possível compreender que essa invisibilidade na literatura seria a representação e ao mesmo tempo um alicerce do *racismo estrutural* da sociedade brasileira, uma vez que a discriminação, ou melhor, o racismo, coloca os/as escritores/as e os temas negros em invisibilidade, o que garante sempre os mesmos como “elite intelectual”, os brancos, ou seja, faz com que estes continuem em seus espaços privilegiados.

É principalmente graças ao crescente ativismo e à preocupação com a cultura e a representatividade negra que o número de publicações de autores/as afro-brasileiros/as vem, mesmo que a lentas passadas, crescendo gradativamente em quantidade e qualidade. Isso porque os/as escritores/as de literatura negra, diante do contexto de inviabilidade das editoras e revistas, deixando-os/as com pouco espaço para publicarem, assumiram a tarefa de eles/as

próprios/as criarem seus espaços, suas antologias, a exemplo disso estão os Cadernos Negros, surgidos em 1997.

1.1.1 O escritor negro tempos atrás

Suely Castilho (2004, p. 104) afirma que “a figura do negro na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos” é praticamente inexistente. Segundo a autora, essa inexistência é surpreendente em virtude dos múltiplos papéis desempenhados pelos escravizados em diversas atividades da época. Ela afirma que esse silenciamento pode ser explicado por dois motivos: o primeiro diz que “o escritor brasileiro não considerava o escravo como ser humano” e o segundo é que a maioria dos escritores surgiu “em função dos senhores de escravos”, ou dependeu “do amparo das instituições escravocratas” (CASTILHO, 2004, p. 104).

Foi somente após a abolição da escravidão, ocorrida em 1888, que os escritores brasileiros voltaram sua atenção aos escravizados, mesmo que forçosamente. Os primeiros textos produzidos descreviam com desgosto, sob um olhar piedoso e de forma desumana os negros, tratando-os sob perspectivas diferentes – inferiorizantes –, até mesmo comparados aos indígenas. Enquanto o indígena era tido como corajoso e resiliente à submissão, o negro era apontado como submisso, de índole humilde e escrava (CASTILHO, 2004, p. 104).

Dando continuidade ao percurso histórico, Suely afirma que o negro vem a estrear, de fato, na fase naturalista/realista (1881-1883) da literatura brasileira, no romance intitulado *O mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. Na obra, o negro é pela primeira vez o protagonista da trama. Raimundo, nome do personagem negro, é um mulato fino e bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra que, mesmo com tantas características de “prestígio”, não consegue fugir ao preconceito racial, e isso fica exposto quando o seu pedido de casamento é rejeitado pela família de sua amada simplesmente pelo fato de ele ser negro, em virtude da ideia de que os brancos deveriam continuar “casando com seus iguais”.

A professora Castilho também aponta que a literatura pós-escravidão sofreu muita influência de duas correntes de pensamento trazidas da Europa: o Darwinismo Social e o Positivismo, de Auguste Comte. O Darwinismo Social conceitua a existência de raças superiores e inferiores – as superiores seriam as raças brancas (europeias) e as inferiores seriam as escuras (latino-americanas). Nesse caso, como afirma a estudiosa, o Brasil se configura na segunda classificação, uma vez que o país se formou “majoritariamente por índios, negros e mestiços, considerados inferiores, tanto cultural como biologicamente” (CASTILHO, 2004, p.

106). Segundo esse paradigma, a formação do país não dava boas perspectivas de desenvolvimento, e o único modo de fazer o Brasil progredir – social, política, econômica, religiosamente etc. – seria por meio do processo de embranquecimento da população, realizado através da miscigenação com as “raças mais desenvolvidas” (brancas europeias), até o apagamento total da raça inferior (negra – afrodescendente – e indígena) (CASTILHO, 2004). Já sobre os escritores partidários do Positivismo, a autora aponta que explicavam a inferioridade dos negros através da ênfase nas diferentes qualidades que eles viam como características das raças. De forma simplificada, os autores explicavam a inferioridade dos negros a partir do pressuposto de superioridade intelectual dos brancos em detrimento dos negros.

A estudiosa também aponta que na fase literária modernista (a partir de 1922) o “questionamento radical das bases culturais do país promove uma ampla valorização das raízes mais autênticas da cultura brasileira” (CASTILHO, 2004, p. 107). Em outros termos, nessa fase buscou-se falar do Brasil para os brasileiros, buscou-se retratar a formação da cultura, da população e das peculiaridades do país, uma vez que foram fruto de uma expressiva diversidade desconhecida pela maioria dos brasileiros. Entretanto, em se tratando da representação do negro e suas particularidades em questão, nas obras desse período observa-se apenas uma caricata representação. Com isso, é possível assimilar que, novamente, não foi permitido aos escritores negros estarem em evidência, não foram abordadas temáticas negras sob o olhar íntimo dos negros, o que acaba contradizendo a motivação dessa fase literária, a qual tinha por objetivo criar uma identidade esteticamente genuína da realidade brasileira. Pode-se assim dizer que não houve uma representação genuína dos negros e não houve uma representação genuína de suas particularidades, e sim caricaturas. Simplificando ainda mais, o que se teve nas obras e nos debates em evidência foi, novamente, a exclusiva perspectiva dos brancos sobre a formação do Brasil e sua população (GODOY, 2012).

Contudo, cabe salientar que, mesmo com todas as adversidades, a literatura brasileira possui diversos/as escritores/as afro-brasileiros/as, os/as quais permanecem desconhecidos/as, inclusive do ambiente escolar. Como exemplo disso é possível mencionar: Maria Firmina dos Reis (1822-1917), conhecida principalmente pela sua obra *Úrsula*; Lima Barreto (1881-1922), conhecido principalmente pelas obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*; Machado de Assis (1839-1908), muitas vezes com sua etnia ocultada, autor de *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, entre outras; Luís Gama (1830-1882), com sua obra *Primeiras Trovas Burlescas*; Cruz e Sousa (1861-1898), mais importante porta simbolista brasileiro, autor de *Broquéis* e *Missal*, e muitos/as outros/as.

1.1.2 O escritor negro atualmente

Carina Lima (2010) aponta que foi no começo do século XIX que a temática negra passou a ter mais visibilidade na literatura. Segundo a autora, essa maior visibilidade ocorreu inicialmente a partir de poemas e posteriormente transitou para os romances, os quais apresentavam uma perspectiva “abolicionista”. Ela cita como exemplo dessa abordagem o livro *Navio Negreiro*, de Castro Alves (LIMA, 2010, p. 70).

Atualmente, muitos textos produzidos por escritores/as afrodescendentes buscam questionar as representações desumanizantes – criadas pela branquitude – impostas à sua “raça”. A estratégia adotada consiste em dar voz às perspectivas históricas que foram ocultadas, isto é, apresentar versões da história que foram postas de lado, uma vez que foram contadas apenas pelo olhar exclusivo da elite colonialista branca. Busca-se, com isso, realizar um resgate da ancestralidade, resgatando culturas e crenças que estavam se perdendo por causa de imposições europeias que apontavam que o negro e o que vem do negro são ruins, do mal, como, por exemplo, as religiões de matrizes africanas, falácias comuns entre crentes de religiões europeias: “coisa ruim”, “encosto”, “do diabo”.

Como dito anteriormente, é possível assimilar que na atualidade o destaque ganho pela literatura negra advém da ascensão dos movimentos de consciência negra no Brasil. No entanto, é importante ressaltar que essa literatura se constrói engajada principalmente na luta contra a opressão do branco sobre o negro, mas que ela não se restringe a isso, ela é, nas palavras de Lima, a “expressão de uma das várias facetas da cultura brasileira, e deve ser vista e respeitada como tal” (2010, p. 76). Em outras palavras, os/as escritores/as de literatura negra lutam contra a opressão, mas também apresentam, sob o prisma de pessoas negras (personagens), antes silenciadas, temáticas gerais tratadas nas demais literaturas, como o amor, protestos, revoltas, críticas, tristezas, alegrias etc.

Na contemporaneidade, temos autores negros em evidência, como Conceição Evaristo, com sua *escrevivência*¹, abordando sobre o olhar marginalizado dos negros; Itamar Vieira Junior, tendo como sua principal obra *Torto Arado* (2019), livro discutido mais à frente; Jarid Arraes, cordelista, poeta e contista que trabalha principalmente com temáticas como a violência e o afeto, pondo em cena protagonistas negras; e muitos outros.

¹ Evaristo afirma que a *escrevivência* “em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças” (EVARISTO, 2020, p. 30). Em outros termos, nas palavras de Oliveira (2009, p. 622), *escrevivência* seria “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”.

1.2 Personagens negros na literatura

Este subcapítulo tem por intuito principal abordar de forma panorâmica como se deram e como se dão as representações do negro na literatura.

1.2.1 Antes

Antes da abolição da escravatura, obras literárias que continham personagens negros eram raras e as que apresentavam tratavam o negro sob um olhar depreciativo, com papel exclusivo de coadjuvante e/ou sob a perspectiva de objeto, uma vez que, como já apontado anteriormente, o negro não era visto como humano, era tratado simplesmente como posse, algo sem humanidade, uma ferramenta-objeto de posse dos brancos.

Foi principalmente no Romantismo brasileiro que os personagens passaram a ser introduzidos e a figurar no papel principal, mesmo que contáveis vezes. Nesse momento, como afirma Nascimento, “O negro aparece no Romantismo brasileiro como elemento estranho, à margem das temáticas romanescas, que viam no índio o auge da nacionalidade representada na literatura” (2010, p. 2). As principais obras em evidência no Romantismo, como *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar, buscaram consagrar o caráter mestiço da sociedade brasileira, expondo a junção entre os portugueses e os indígenas, deixando de lado da formação da sociedade brasileira o negro. Outro exemplo dessa estranheza ao negro encontra-se na obra *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, visto que o autor, em sua incapacidade de construir uma heroína/protagonista negra, cria a personagem como uma escrava mulata, quase branca, educada pela sinhá (EVARISTO, 2009, p. 23).

Proença Filho, em seu artigo intitulado “A trajetória do negro na literatura brasileira” (2004), aponta alguns estereótipos presentes na representação do negro na literatura antes da contemporaneidade, sendo eles: o escravo nobre; o negro vítima; o negro infantilizado, serviçal e subalterno; o negro animalizado, hipersexualizado e pervertido; e o negro exilado na cultura brasileira. O primeiro deles, o escravo nobre, diz respeito ao negro fiel, submisso, que supera as humilhações e a crueldade dos senhores através do branqueamento (PROENÇA FILHO, 2004, p. 162). O autor exemplifica isso com os personagens centrais dos romances *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, e *O mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo. No primeiro romance, Isaura, filha de mãe negra e pai português, tem a pele clara. Assim, ela, em diálogo com sinhá Malvina, reconhece o “seu lugar na sociedade”:

- Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]
- Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.
- Queixas-te de tua sorte, Isaura?
- Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar (GUIMARÃES, 2015, p. 16).

O segundo estereótipo, o negro vítima, é “produzido” para exaltar a causa abolicionista; para isso, o negro é retratado também de modo submisso, como vítima de um sistema desumano que “não se preocupa” com o negro. Para aludir a esse estereótipo, o estudioso cita os poemas de Castro Alves, um deles é o antológico *O navio negreiro* (1880); Proença Filho comenta que o poema “destaca a desumanidade que marcava o tráfico dos escravos, então já abolido” (2004, p. 163).

O negro infantilizado, serviçal e subalterno diz respeito ao estereótipo do negro incapaz. O autor aponta como exemplo disso obras como *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, e *O cego* (1849), de Joaquim Manuel de Macedo. Além disso, afirma que “esse estereótipo permanece, associado à animalização, na figura da Bertoleza, do romance *O cortiço* (1900), de Aluísio Azevedo” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165) e coloca em evidência o seguinte trecho:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá em baixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. (AZEVEDO, 1890, p. 221).

O autor aborda também o estereótipo do negro animalizado, hipersexualizado e pervertido. Este seria o estereótipo em que se impõem ao negro características “selvagens”, características animais que eles não “conseguem controlar”. Para exemplificar, Proença Filho menciona o romance *O bom crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, em que a trama aborda a homossexualidade, temática corajosa para aquele período, e *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, em que, segundo o estudioso, o narrador da trama afirma que “a liberação dos instintos de Lenita, a branca personagem central, se deve à promiscuidade com os escravos” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165). O autor conclui afirmando que do estereótipo de animalização para “a

conclusão de que a raça negra é inferior a distância é curtíssima” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165) e cita *O presidente negro* (1926), de Monteiro Lobato, como uma obra que deixa entrever essa conclusão.

Por fim, Proença Filho (2004) assinala ainda a figura do negro exilado na cultura brasileira e cita *Urucungo* (1933), livro de poemas de Raul Bopp, como exemplo desse estereótipo. Assim, diante dos estereótipos relacionados ao negro, levantados por Proença Filho, e das formas representativas mencionadas, é notável o fato de que, na produção ficcional anterior à contemporaneidade, o negro não era tido como ser humano, mas sim, como mencionado antes, como uma ferramenta-objeto de posse dos brancos, o que acaba demonstrando e “explicando” a ausência do negro na ficção como semelhante ao branco, como humano.

1.2.2 Atualmente

Ainda na esteira de Proença Filho, a visão estereotipada do negro permanece dominante na literatura contemporânea “pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos compromissados com a real dimensão da etnia” (2004, p. 166). O autor assinala como exemplos dessas obras “compromissadas” os romances *Corpo vivo* (1962) e *O forte* (1965), ambos de Adonias Filho.

Atualmente, os personagens negros estão, mesmo que ainda lentamente, em uma crescente; eles estão sendo cada vez mais os protagonistas das obras e, principalmente, os protagonistas das próprias histórias. Isso demonstra a busca, especialmente por parte dos/as autores/as negros/as, por contar suas perspectivas da história e suas particularidades sociais. Por parte dos/as leitores/as, demonstra a busca por conhecer suas raízes e a importância da busca por saber, sob outra perspectiva, como os fatos ocorreram. Dessa forma, nas obras atuais, além do acréscimo de personagens negros, são nítidas as marcações religiosas, culturais e raciais, aspectos fundamentais para a construção representativa do negro e para revitalizar a ancestralidade do negro afro-brasileiro. Como exemplo disso pode ser citada a obra que será abordada mais à frente, *Torto Arado*. Nela, os personagens dialogam metalinguisticamente sobre a história do negro, as opressões impostas aos negros, o silenciamento literário que sofreram e sofrem e a ainda sobre a permanente falta de representatividade na literatura, na política, na sociedade, enfim, em todos os campos.

Contudo, mesmo com o aumento da temática e de personagens negros, bem como de personagens negros como protagonistas, os dados da pesquisa de Regina Dalcastagnè, em que

investiga aspectos dos personagens do romance contemporâneo, mostram que o cânone literário brasileiro permanece “embranquecido”:

[...] os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não-branca importante. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca. E dois livros, sozinhos, respondem por mais de 20% das personagens negras (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 44).

Assim, Dalcastagnè afirma que “a predominância branca no romance contemporâneo, portanto, não corresponde à diversidade da população do país” (2011, p. 45). Os dados da pesquisa apontam que, se a presença de personagens negros, 7,9%, é ínfima, mais ainda é a presença de protagonistas, são apenas 5,8%, e piora ainda mais no caso dos narradores, eles são apenas 2,7%. Além de serem pouco representados, atuarem pouco como personagens centrais e serem pouco ouvidos, em algumas das obras em que aparecem os negros são ainda retratados com características estereotipadas de “marginais”. Assim, como afirma Dalcastagnè, “os brancos não apenas compõem a ampla maioria das personagens identificadas no corpus; eles quase monopolizam as posições de maior visibilidade e de voz própria” (2011, p. 46).

Diante do que se viu anteriormente e do que se vê na atualidade, é possível assimilar que os personagens negros têm sim conquistado seu espaço, passo a passo, remando contra a “falsa democracia literária”, que deixa de lado na literatura canônica essa parcela representacional da sociedade. Contudo, é gritante o fato de que a presença desses personagens ainda permanece extremamente à margem do cânone literário. É por esse e vários outros motivos que se fazem necessários o incentivo e o apoio a escritores/as negros/as para que cada vez mais escrevam e vocalizem – através da narrativa – suas histórias. É preciso, ainda, que seja rompida a estereotipação do negro e da temática e que sejam rompidos os paradigmas que dificultam a “equivalência” entre personagens negros e personagens brancos, ou ao menos que haja a diminuição dessa disparidade.

2 O ROMANCE *TORTO ARADO* E A LITERATURA NEGRA CONTEMPORÂNEA

Este capítulo tem por intuito apresentar e resenhar uma obra literária a fim de expor uma das formas como as próprias obras e, conseqüentemente, seus autores abordam questões relacionadas ao povo negro, como a escravidão e o silenciamento imposto a eles. Para tanto, foi selecionado para o presente estudo um romance, *Torto Arado*. A escolha se deu graças ao elevado nível de notoriedade que a obra ganhou em 2020 e graças à forma como trabalha questões aqui já elencadas. É graças a isso que se fez necessário pensar, pontuar e evidenciar de que forma a própria obra negra em tela questiona o preconceito, o racismo, o silenciamento e outros vários desdobramentos da realidade, possibilitando, assim, saber o modo como escritores negros da atualidade, assim como o autor da obra, Itamar Vieira Junior, engajados sobre o “revisamento da história” ou das histórias contadas pelos brancos, preocupados em dar voz aos antes silenciados, caricaturados e desprezados, dão voz a personagens negros, dão visibilidade ao sofrimento e abordam o silenciamento da religião e da cultura ancestral desses povos, bem como retratam o racismo estrutural decorrente do processo de escravidão colonial em um processo de decolonialidade².

Além disso, como comenta Dalcastagnè (2005), ao abrir um livro, o/a leitor/a tem como pressuposto dois “estilos” de narrativas, uma que o conecta com novas experiências, as quais podem possibilitar entender o outro ou o mundo sob uma perspectiva diferente; e outra que faz o/a leitor/a sentir-se representado/a, sentir suas experiências contadas. Nesse sentido, a autora aponta que o romance, enquanto gênero, consegue propiciar essas e outras possibilidades. Dessa forma, “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14). Daí o estranhamento pela falta de abordagem de determinados grupos sociais em um ambiente que “se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 2). Diante disso, como afirma Lima, “falar sobre literatura negra é também falar sobre a condição social do afrodescendente dentro da sociedade brasileira” (2010, p. 1). É nesse sentido que será abordada a obra *Torto Arado* (2019) nos subtópicos seguintes.

² Segundo Silva (2020, p. 7), amparada por Berdino-Costa e Grosfoguel (2016), “a decolonialidade é um conjunto de práticas que promovem a resistência, a tentativa de superação da violência, preconceito e opressão imperialista, buscando lançar ao mundo as ideias e sofrimentos das pessoas que vivem a experiência da fronteira”. Mas, como bem atesta a autora, além de uma opção epistemológica, a decolonialidade é um modo de ver o mundo, bem como pode ser entendida como uma opção de vida, de estar no mundo, de olhá-lo.

2.1 A obra *Torto Arado* (2019)

Antes de tudo, cabe destacar que o autor da obra em análise, Itamar Rangel Vieira Junior, é natural de Salvador (BA), nascido em 1979. Ele é geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos pela UFBA. Sobre o livro, inicialmente cabe apontar que ele venceu o Prêmio Leya em Portugal (2018) e recebeu os prêmios Oceanos e Jabuti (em 2020) no Brasil, e, segundo o que afirma a editora Todavia em seu site, está sendo traduzido para uma dezena de idiomas. A obra foi a sensação da literatura nacional de 2020. Além disso, como evidencia Liana Aragão Scalia (2021), a construção da obra, além do “imaginário criador do autor”, possui inspiração em vivências “reais” com que o autor teve contato:

[...] suas pesquisas de mestrado e doutorado, que se desenvolveram na região da Chapada Diamantina, no centro do estado da Bahia, e o contato com Grupos Populacionais Tradicionais Específicos (GPTE) – indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas etc. –, proporcionado por seu trabalho no Incra, foram, segundo o próprio autor, inspiração e matéria-prima para o desenho da obra (SCALIA, 2021, p. 243-244).

Dito isso, aqui não se pretende construir uma análise aprofundada sobre a obra em questão, o que se objetiva é evidenciar aspectos representativos que dialoguem com a temática do TCC e, mais que isso, inserir essa obra literária em contexto acadêmico. Mas cabe salientar que o livro já conquistou e vem cada vez mais conquistando seu espaço entre o público em geral, confrontando a invisibilidade que cerceia a literatura negra, possivelmente, graças à proximidade representativa, histórica, cultural, ancestral, enfim, a intimidade que a narrativa consegue ter com o/a leitor/a. Assim, objetivamente, o que se pretende é discutir e evidenciar alguns trechos e temáticas da obra que se ligam intimamente ao objetivo deste TCC e ao final uma análise mais geral.

De início, vale destacar que, segundo o próprio autor, o nome da obra, *Torto Arado*, foi retirado do poema *Marília de Dirceu* (1792), de Tomás António Gonzaga. Com esse título, Itamar Vieira Junior faz do instrumento agrícola mais utilizado no Brasil em décadas atrás, atualmente em desuso, um símbolo. Esse símbolo, além de representar, coloca em evidência a permanência de características e atitudes do período colonialista, bem como alude às marcas permanentes advindas do período de escravidão, marcas essas que alicerçaram a formação da sociedade e do Estado brasileiro, condicionamentos que corroboram para o *Racismo*

*Estrutural*³, termo cunhado por Silvio Almeida em seu livro de mesmo título. A referência ao título, inclusive, é feita em meados da obra, como se vê no seguinte recorte: “Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 127).

O enredo do romance tem como foco a família de Zeca Chapéu e Salustiana, principalmente suas filhas Bibiana e Belonísia – as quais são representadas na capa do livro em forma de gravura –, descendentes de uma escravidão abolida meramente no papel. O cenário principal em que a obra se desenrola é a fictícia fazenda Água Negra, nela vivem a família central da trama e vários trabalhadores rurais, também descendentes de escravizados. Já os principais donos das terras, a família Peixoto, “queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 54). Esse e outros vários trechos do romance colocam em evidência a negação do direito à moradia e a negação dos direitos trabalhistas aos descendentes de escravizados, que, dessa forma, se tornam reféns da necessidade e acabam tendo como única escolha aceitar de “bom grado” serem explorados. Nessa e nas demais fazendas da narrativa, os trabalhadores trocam seus serviços no campo pela moradia nas terras dos proprietários rurais, contudo só poderiam construir

[...] casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41).

Esse trecho destaca também a ausência de remuneração pelo trabalho e a obrigatoriedade de cumprir com as ordens que lhes eram dadas. Dessa forma, a fazenda e todo o contexto rural em que se encontram os personagens acabam demarcando aspectos que remetem à realidade, e a narrativa é construída de forma que sirva de alusão para o descaso em

³ O racismo estrutural pode ser definido, simplificadamente, como uma coleção de práticas discriminatórias, institucionais, históricas e culturais dentro de uma sociedade que constantemente favorece um grupo de certa etnia ou cor em detrimento de outro, tido como inferior e submisso. O termo é empregado para enfatizar o fato de que existem sociedades que são estruturadas apoiando-se no racismo, que existem sociedades que favorecem pessoas brancas e desfavorecem negros, indígenas etc. (PINTO, 2020).

que descendentes de escravizados foram sujeitados, bem como os que ainda, tristemente, sofrem com isso. Assim, nas palavras de Scalia:

[...] trata-se de um cenário rural arcaico que uma leitura rasa – para não dizer branca, urbana e “classe média” – afasta imediatamente dos dias atuais. Parece ser um livro sobre o passado. Alguns elementos, como a Ford Rural de Sutério, a TV de Damião, a motocicleta de Severo, bem como a referência à estiagem de 1932, que assolou grande parte do Nordeste, e a menção a sindicatos situam o leitor num momento histórico muito próximo do que vivemos (2021, p. 244).

Posto isso, cabe dizer que cada personagem possui um papel representativo na trama. Logo nas primeiras páginas do romance, acontece a mutilação da língua de uma das irmãs, Belonísia, fato que acaba influenciando toda a obra. Esse momento acaba aludindo ao, de certa forma, silenciamento sofrido pelas pessoas negras, uma vez que perder a língua seria o mesmo que perder a capacidade – leia-se possibilidade – de falar, assim passando a precisar do outro para ser ouvida e compreendida. Nessa perspectiva, um dos papéis de Belonísia é representar o silenciamento mutilante imposto, de forma semelhante à perda da língua, aos negros escravizados, que sofreram e sofrem com a invisibilização de suas vozes, processo que ocorreu e ocorre através da negação e do apagamento da possibilidade de eles falarem.

Além disso, outro destaque representativo em Belonísia é o seu desinteresse em aprender com a professora Lourdes. Assim como muitos estudantes da realidade, ela não se sentia próxima do conteúdo abordado nos livros e pela professora em virtude de que em ambos a presença dos negros era quase inexistente, não vendo como verdade o que a professora apontava:

[...] não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97).

Belonísia se interessava por aprender com o pai sobre a terra, sobre histórias, medicinas e culturas ancestrais; era para esses aspectos que ela voltava sua atenção, na medida em que deles ela se via próxima:

[...] poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes [...] Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando

haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento — bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. Meu pai olhava para mim e dizia: “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

É somente ao final da trama que Belonísia sente cada vez mais a necessidade de ler, ela sente “fome de leitura”, na busca por imaginar como seriam os fatos narrados do ponto de vista do seu dia a dia, de suas experiências. Com isso, ela chega até a querer que a próxima geração leia e saiba realmente sobre suas histórias, seus heróis, sua cultura etc.:

[...] nessas horas eu, que tomei raiva de homem, que nunca mais quis deitar ou casar com homem, talvez deitasse de novo só para ter filhos, para ter com quem sentar para desfiar essas histórias que não me abandonam. Talvez lhes desse uma pilha de cadernos velhos, manchados de umidade da chuva, ou roídos de traças, para que lessem e pudessem entender do que somos feitos (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170-171).

Por sua vez, Bibiana e seu marido, Severo, ao abandonarem a região em que vivem em busca de uma vida melhor, representam as pessoas que procuram mudar suas situações de vida. Eles reconhecem que não possuem quase nenhum direito e que são explorados de maneira análoga à escravidão. Após um período de tempo, ao retornarem com seus filhos para Água Negra, formada como professora e com mais conhecimento e experiência sobre as questões sociais em que a sua e as outras famílias da fazenda se encontram, Bibiana passa a atuar de forma crítica contra a exploração, lutando pelas terras, terras essas em que aquelas famílias tanto trabalharam, e buscar melhores condições de vida. Além desse papel, o casal, assim como a faca, serve para aludir o sangue derramado fatidicamente pelos descendentes da escravidão em busca dos seus direitos. Severo alude ainda, com a incriminação que sofre para encobrir a sua morte, à forma como determinados acontecimentos tinham justificativas distanciadas da realidade: “algumas semanas depois, surgiu a notícia de que o inquérito havia sido concluído. Que haviam descoberto um plantio de maconha numa área próxima aos marimbus. Que Severo havia sido morto numa disputa do tráfico de drogas na região” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 217). Mas, na verdade, o que causou a morte de Severo foi porque ele

[...] pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam há muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos haviam nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo de terra dos quintais das casas. Onde construíram casas e cercas (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 207).

Por fim, cabe destacar ainda que Bibiana representa a busca desses descendentes por adentrarem o campo educacional e, mais que isso, possibilitar fazer com que essas pessoas tenham suas representações relatadas, se reconheçam nos estudos, uma vez que, como Belonísia afirma, a professora Lourdes “não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99). Assim, o casal Bibiana e Severo representa, de forma geral, não só a busca por melhorias de vida, como também o progresso – a passos de tartaruga – e as resistências que dificultam esse progresso.

A mãe, Salustiana, além de atuar nos papéis de mãe e esposa, é uma figura de grande relevância para a fazenda, graças ao enorme conhecimento que possui sobre a terra e as memórias ancestrais. É ela quem, ao passar seus conhecimentos para as filhas e os demais da fazenda, apresenta para o/a leitor/a tais experiências, conhecimentos e acontecimentos. No seguinte trecho, Salu relata de forma lúdica como iniciou o processo de escravização:

[...] a igreja marcou com ferro as árvores com um B e um J de Bom Jesus. Marcou tudo o que podia. Disse que as terras pertenciam à igreja e nós éramos escravos do Bom Jesus. Bom, o povo estranhou, porque não se falava em escravidão em Lagoa Funda. Minha avó disse que sabiam de escravos em outros lugares, mas não ali. Nunca houve escravo naquela terra. Todos se consideravam livres, e hoje eu penso nas coisas que o finado Severo, seu pai, dizia: se os negros vieram para o Brasil para ser escravos, Lagoa Funda deve ter começado com o povo que fugiu de alguma fazenda ou ganhou liberdade de algum fazendeiro. Mas ali, ninguém quis falar sobre isso. Todo mundo nascia livre, sem dono. Apagaram essa lembrança do cativeiro. [...] Mas depois os fazendeiros chegaram mostrando documento, e foram cercando as terras, o povo resistindo, gente morreu, e terminaram por ficar espremidos num cantinho (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 227-228).

É também principalmente através dela que o autor coloca em evidência a importância da terra para essas pessoas: “no meu peito mora Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar a terra de mim” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 230).

O pai de Bibiana e Belonísia, Zeca Chapéu Grande, é o principal responsável por representar e dar continuidade ao jarê, que, como diz o presente trecho, “era tão antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 80). No momento de sua morte, acontece uma ruptura e é perdido esse contato com a religião em decorrência do desconhecimento por parte da população sobre o jarê, o que faz com que essa prática religiosa definhasse. Essa ruptura é explicada nas falas da encantada Santa Rita Pescadeira, quando ela nos explica que montados em “cavalos” era a forma como eles, os encantados, “deveriam se apresentar entre os homens” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 203), que essa é a forma como

deveriam aparecer neste mundo. Assim, com o fim dos “cavalos”, não teria como os encantados se apresentarem. Dessa forma, a morte de Zeca Chapéu Grande representa a perda dos laços e do conhecimento de manifestações religiosas ligadas à cultura negra e indígena.

Além do que foi mencionado, Zeca representa também a medicina ancestral; é a partir dele que somos apresentados a práticas de saúde mental e física, pois era a essa medicina que em locais sem acesso à medicina tradicional se recorria. Esse fato demonstra o quanto os moradores, pessoas nessas condições de vida, estão sujeitos aos próprios conhecimentos e não têm acesso a outros meios. Em outro sentido, quando o personagem morre, também se perde esse conhecimento, e as pessoas passam a ter como única forma de tratamento a medicina tradicional, meio a que elas quase nem possuíam acesso. Nesse contexto, cabe dizer que esse é um dos âmbitos em que a literatura pode vir a contribuir, servindo como uma forma de manter conteúdos, crenças e experiências que se perderiam por algum motivo.

Sobre Zeca Chapéu Grande, cabe ainda salientar seu papel na construção da escola da comunidade, visto que, depois de tanto recusar pagamento do prefeito por “tratar” o filho deste, Zeca pediu como pagamento a construção da escola na fazenda. O prefeito, com medo de o encantamento se quebrar, mesmo que relutante, cedeu e:

[...] em poucos meses iniciaram a construção da escola. Não soubemos como, nem quais interesses particulares envolveram a negociação entre o prefeito e a família Peixoto, mas a obra foi autorizada, e os próprios moradores passaram a construir o pequeno edifício de três salas em regime de mutirão, aos domingos, dia em que poderiam deixar de cuidar da roça – mas não poderiam deixar de dar comida e água aos animais (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 67).

Ou seja, foram os próprios moradores que construíram sua escola, o prefeito concedeu a professora e os materiais, mas seu papel mesmo foi de afiançar a voz dos residentes que queriam estudar, o que acaba reforçando a concepção de necessidade de alguém que pudesse dar voz aos trabalhadores negros, ao seu pedido, o que mais uma vez alude à realidade. No dia da inauguração, quem foi homenageado foi “Antônio Peixoto, pai dos Peixoto. Homem que, diziam, foi proprietário da fazenda, mas nunca havia posto os pés ali” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 95), quando, no entanto, o responsável e o principal entusiasta da ideia foi Zeca Chapéu Grande, que, mesmo sendo o líder dos trabalhadores, líder espiritual, trabalhador mais assíduo, etc., não tinha voz e muito menos foi homenageado. Mas para Zeca estar construída a escola foi sua vitória, uma vez que:

[...] quem acompanhasse sua vida de lida na terra ou a seriedade com que guardava as crenças do jarê, acharia que eram os bens maiores de sua existência. Mas pessoas

como nós, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder nos legar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 66).

Sem aprofundar muito a questão, o que se evidencia é que, mesmo Zeca representando aqueles que acreditam que devem agradecer pelo que lhes foi dado, sem querer aquilo que “não lhes pertence”, ele busca fazer com que os seus semelhantes não vivam da mesma forma que ele, esperando fazer com que tanto seus filhos de sangue quanto seus filhos de pegação melhorem de vida.

A avó, Donana, por seu turno, ao mesmo tempo que é responsável por alguns dos segredos da narrativa e por passar seus conhecimentos ancestrais ao filho Zeca, é o ponto de conexão entre o período propriamente de escravidão e o período de escravidão servil. Ela é uma senhora que em sua alta idade apresenta marcas do período em que foi cativa, algumas das marcas são de falta: falta de lucidez, falta de acesso à educação, à aposentadoria, à casa própria e a bens, aos direitos de cidadã e, principalmente, falta do reconhecimento por tudo o que fez em sua vida como cativa dos senhores da Fazenda Caxangá. Com isso, o narrador apresenta para o/a leitor/a o quão pouco se mudou entre os períodos. Ela representa também os maus-tratos, os abusos e a violência que as mulheres, principalmente as negras, sofreram e sofrem graças ao processo de objetificação sexual e à subalternização imposta em relação ao homem.

Além dos já apontados, Donana, juntamente com a faca, ainda exercem os papéis de representar simbolicamente o derramamento de sangue em busca de justiça e, juntando o que fizeram com o homem com o que acontece com suas netas, de expor que, assim como um homem pode morrer pelo corte de uma faca, uma pessoa pode “morrer” pelo corte da “língua”. Isso porque, assim como perder a vida literalmente, perder a “língua” seria perder a liberdade, perder a si, perder também a vida. Dessa forma, com Donana, seu ex-marido, a faca e Belonísia, o autor expõe a importância da fala.

Por fim, cabe ainda esboçar alguns dos papéis da encantada Santa Rita Pescadeira, que primeiramente seria o de falar sobre a religiosidade ao mostrar como ela própria morre fatidicamente ao serem negados, apagados e esquecidos a religião e seus costumes. Ela exerce o papel de apresentar a mudança de pensamento dos donos das terras após a abolição da escravidão:

[...] os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar fingindo que nada mudou porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde

morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata-doce do café da manhã (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 204).

A encantada também possui o papel de reforçar toda a narrativa, apresentando sob o seu ponto de vista o quanto os negros afrodescendentes sofreram com a escravidão e o quanto permanecem sofrendo após a abolição:

[...] quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 220).

A encantada ainda exerce o papel de fazer justiça pelo que aconteceu com as religiões e culturas afro, pelo que aconteceu a Severo e aos descendentes das pessoas que montava, seu povo. É em seus últimos “esforços”, montada nas irmãs, que ela mata um representante daqueles que tiraram o povo dela da África, que escravizaram e causaram tantos sofrimentos aos negros, que os mataram e fizeram com que, consequentemente, ela fosse morta junto.

Além do que já foi dito, é preciso dizer que as personagens negras femininas são as protagonistas dessa narrativa, cada uma com seu momento de apresentar a sua perspectiva dos acontecimentos e/ou complementando-os. São elas que ditam o desfecho do romance por meio da “ação conjunta das três narradoras, num arremate feliz, libertador e redentor” (SCALIA, 2021, p. 249).

De modo geral, a narrativa representa uma realidade que permanece até hoje em diversos locais do Brasil. É consideravelmente impossível ler a obra e não se lembrar de algo ou de alguém, e isso faz com que o/a leitor/a reconheça a continuidade das mazelas do período europeu colonialista-racista, circunstâncias que foram e continuam fatidicamente sendo ocultadas nas relações sociais da realidade, bem como, mais ainda, da ficção. Isso com o pretexto de que esse não é um embate necessário, pois somos uma sociedade política, social e educacionalmente democrática, quando na verdade esse debate se faz pertinente por justamente não sermos o que tentam imprimir. Assim, é por tudo isso que foi abordado e por muitos outros pontos que a obra dialoga metalinguisticamente sobre a negação, sobre o silenciamento, sobre o apagamento e sobre o esquecimento do negro na literatura, da literatura negra, do racismo e

de suas mazelas, da e na educação, da e na política, na sociedade e pela sociedade, sobre o *racismo estrutural* que cerceia os negros, o que vem dos negros e o que vai para os negros.

2.2 *Torto Arado* como um romance histórico, um vislumbre da realidade

É por tudo o que já foi apontado e muito mais que a obra pode ser considerada como um “rugido contra as violências”, violência racial-estrutural, de gênero, político-social e histórico-colonial. É sob esse prisma que Navarro e Paula (2021) alcunham *Torto Arado* como um romance histórico. Aqui se enseja uma pequena digressão para abordar, de forma sucinta, o que seria um romance histórico. Assim, recorro a Cosson e Schwantes (2005) para pontuar a questão. Os estudiosos compreendem que, para que seja atribuído o adjetivo histórico ao romance, é preciso que a história seja “parte constitutiva da obra, isto é, a certeza de que sem a presença daqueles personagens que são pessoas e sem os episódios conhecidos como históricos o romance seria outro” (COSSON; SCHWANTES, 2005, p. 31-32). Em outros termos, é preciso que os elementos presentes na obra sejam fundamentais para o desenvolvimento da narrativa.

Nisso, retomando Navarro e Paula, eles afirmam que:

[...] o retorno ao passado é uma necessidade histórica. Mesmo em tempos que urdem a construção de uma identidade nacional e independente, sobretudo nos países colonizados, é preciso recuperar o passado, avaliar a história oficial e então reconstruí-la, considerando feitos da margem social silenciada até então. A isto se dedica o romance histórico (2021, p. 5).

É sob esse viés que *Torto Arado* se configura como um romance histórico, uma obra que busca colocar em evidência os negros afrodescendentes, dando voz àqueles que, no período colonial, e subsequentemente, tiveram e continuam tendo seus feitos ocultados ou sobrepostos por outros – em primazia dos brancos, europeus colonizadores, e seus descendentes – e, quando são representados, isso é feito de formas “obscuras”, numa narrativa em que os elementos históricos e ficcionais se entrelaçam de modo delicado e indissociável. A exemplo disso, tem-se vários exemplos, como o seguinte trecho: “meu pai havia nascido quase trinta anos após declararem os negros escravos livres, mas ainda cativo dos descendentes dos senhores de seus avós” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 164). Esse trecho é construído delicadamente a fim de mencionar e pôr em evidência, tanto para os personagens do romance quanto para o/a leitor/a, o fato de que a escravidão ainda é muito atual. Esse detalhe e outros mais servem também para, por exemplo, construir a imagem de que as famílias da fazenda Água Negra, assim como das

demais fazendas vizinhas, são quilombolas, remanescentes e descendentes do período recente de escravidão.

A marcação histórico-social está presente também neste trecho: “muito antes de nós, é o que dizem, chegou para cá muita gente, vindo com a notícia de que haviam sido encontradas minas de diamantes” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 177). Esse trecho alude ao século XIX, momento em que a Bahia era tida como a maior produtora de diamantes do mundo; com isso, o autor mostra que o processo de mineração fez com que várias pessoas fossem a esses locais para garimpar com o objetivo de enriquecimento, e, como a narrativa faz questão de mencionar, os principais garimpeiros eram negros escravizados enviados à Bahia pelos seus donos e forçados a trabalhar na mineração:

[...] para trabalhar no garimpo vieram muitos homens escravos das vizinhanças da capital, dos engenhos que já não tinham mais a importância de antes, e das minas de ouro das Gerais. Dizem que até mesmo nasceu por aqui, filho de um dos trabalhadores das minas de diamante, o neto de um rei de Oyó da África, o neto do último rei a manter o império unido, antes de cair em desgraça (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 178).

No romance, esse acontecimento influencia diretamente ao nortear de forma subjetiva o local em que a fazenda provavelmente se situaria na realidade, que provavelmente seria a Chapada Diamantina, tanto por causa diretamente da narrativa, como pelo fato de ter sido lugar de estudo do autor. Além disso, o garimpo serve também para explicar um dos motivos pelo qual se esqueceram da encantada: “o diamante trouxe a ilusão porque, quando instalaram as dragas, os rios foram se enchendo da areia que jorrava das grutas. Os rios foram ficando sujos e rasos. Sem abastança de água para pescar já não tinham porque pedir nada a Santa Rita Pescadeira” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 205).

Sem aprofundar muito a questão, cabe ainda pontuar o seguinte trecho: “se prepararam para a guerra, como os coronéis fizeram no passado pelo controle dos garimpos. A diferença é que agora o conflito era pelo direito de morar” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 256). O autor, nesse trecho e de forma geral em toda a obra, insere historicamente e aborda o conflito ocasionado pela reforma agrária. Os moradores da fazenda Água Negra, ao serem, de certo modo, “expulsos” da fazenda, reivindicam o direito de permanecerem no local em que viveram, trabalharam, cresceram e que muitos morreram, reivindicam o direito de ter onde morar. Esse direito veio a ser reconhecido e estabelecido na Constituição Federal de 1988, como aponta Lopes: “moradia, propriedade e meio ambiente são direitos previstos nos artigos 5º, 6º e 225 da Constituição Federal de 1988” (2014, p. 20), ou seja, aproximadamente 100 anos após a abolição da escravidão. Assim, levando em conta que Zeca Chapéu Grande nasceu

aproximadamente 30 anos após a abolição, o momento de conflito seria o momento similar ao ano em que se iniciaram as reivindicações na realidade no Brasil.

É sob essa ótica histórica que os autores findam afirmando que

[...] essa volta ao passado redireciona ao centro o que foi marginalizado. Se antes a história era a representação dos vencedores, agora é a massa que toma o protagonismo em detrimento aos heróis de outrora. O romance histórico, nesse sentido, é uma resposta política que busca a conscientização, não pelo que é dito, mas pelas ações das personagens (NAVARRO; PAULA, 2021, p. 18).

É diante dessa linha de pensamento que se percebe a relação entre a literatura (obra ficcional) e o real, enquanto autores/as de literatura negra dialogam com ambos, de modo que tornam o negro, suas lutas e suas dores presentes na literatura e na realidade. Porém, o que se percebe no cânone e nos membros que o regem, em geral, é o apagamento, a não “preocupação” em abordar, em revisitar a literatura, em credibilizar autores/as, obras e personagens negros/as, em viabilizar o diálogo, a representação do racismo e da escravidão juntamente com suas mazelas na realidade – na academia, por exemplo – e na ficção, em virtude da deslegitimação e do desprestígio social do negro na sociedade brasileira. Ou seja, os que legitimam o que é literatura, o que é “boa” e o que é “má” literatura, continuam dando credibilidade quase que exclusivamente ao branco e ao que vem dele, continuam se “autolegitimando”. É por isso e muito mais que os obstáculos que colocam o negro à margem persistem, graças à literatura ser uma manifestação social e para a sociedade.

3 LITERATURA NEGRA E MUDANÇA

Apesar da remada feita pela abordagem literária negra, mais do que importante, é necessário salientar que ela ainda permanece extremamente à margem, com pouca visibilidade se comparada com a literatura “padrão” – branca elitista. Dessa forma, segundo o que diz Dalcastagnè, o fato de que a literatura canônica contemporânea permanece ausentando algumas abordagens, autores e personagens diferentes desse “padrão” reflete “talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira” (2008, p. 204). Essa ausência, no caso da população negra, coloca em evidência o fato de que, mesmo séculos após a abolição escravocrata, esse povo ainda permanece sofrendo com o racismo, agora de forma estrutural, como aborda Silvio Almeida em seu livro *Racismo estrutural* (2018), o qual permanece expulsando os negros dos espaços de poder e de produção de discurso. Assim, como apontado nos dados apresentados anteriormente, os autores negros e as autoras negras são extremamente escassos, bem como os personagens negros, e isso acaba por deixar em evidência a ausência da temática do racismo na literatura, pois, como afirma Dalcastagnè, “o mito, persistente, da ‘democracia racial’ elimina tais questões dos discursos públicos, incluindo aí o do romance” (2008, p. 204).

3.1 O que não se alterou

Como mostrado na obra em estudo e abordado no primeiro capítulo, o discurso depreciativo do negro, cultuado no período da escravidão, permanece arraigado no meio social da atualidade. Tomando *Torto Arado* como exemplo representativo da realidade, o que se observa no cotidiano atual é a permanência de negativas quanto às religiões de matriz africana, receadas inicialmente pelos senhores de escravos em virtude do obscurantismo e do temor das crenças e dos rituais. Nos dias de hoje, elas, as religiões de matriz africana, são vítimas de preconceito, são depreciadas, satanizadas e ridicularizadoras. Esse fato se evidencia costumeiramente nas igrejas evangélicas não ortodoxas, onde o candomblé e a umbanda são constantemente usados para simbolizar o mal, mal esse que os fiéis chamam de demônio e encosto, o qual é expurgado nas chamadas sessões de descarrego.

Além das negativas e tentativas de silenciamento e apagamento das religiões de matriz africana, permanecem ainda diversos fatores semelhantes. Tendo como exemplo os livros didáticos, principalmente os de Literatura Brasileira, o que ainda se percebe, mesmo com o aparecimento de alguns isolados, é a permanência quase exclusiva de livros que ocultam

personagens afrodescendentes; os personagens retratados, principalmente os principais, são em sua grotesca maioria brancos, o que coloca em destaque a permanência da tentativa de afirmar a superioridade dos brancos – só eles são retratados porque só eles conseguem, só eles têm capacidade, e os negros, não. E pior que isso é o fato de esse ocultamento sofrer uma naturalização que, somando-se à forma inferiorizante abordada pela maioria dos/as escritores/as em relação aos negros e às negras, faz com que os preconceitos construídos ao longo do tempo contra essa população se mantenham.

Esse vácuo representativo nos livros didáticos das escolas e principalmente no que se refere à literatura acaba não sendo bom para ninguém, nem para os negros – por não se sentirem representados nas obras, fazendo com que não se reconheçam nas histórias, e também porque faz com que não saibam sobre a sua própria história (fato ilustrado no romance *Torto Arado* através da personagem Belonísia) –, nem para os brancos, que permanecem estereotipando os negros sem ao menos saber o ponto de vista deles, sem saber suas histórias, o que contribui para que permaneçam negando a legitimidade da autoria de alguns acontecimentos e produções de autoria dos negros. Ou seja, ambos ficam privados de informações que possibilitariam saber a história do ponto de vista dos afrodescendentes e, com isso, perceber e assimilar a rica contribuição que essa “raça” legou para a formação da identidade cultural do país, seja na música – como relata representativamente o livro-poema *Solo para viajeiro*, de Cida Pedrosa, que venceu duas categorias do Prêmio Jabuti em 2020 –, na culinária, na engenharia, na matemática, na agricultura etc.

Assim, mais do que reconhecer as particularidades negras que formaram e continuam formando a sociedade brasileira em geral, é preciso colocá-las nas escolas, colocá-las em evidência para que todos tenham noção do que aconteceu e do que acontece no Brasil no tocante à história do povo negro. Na Literatura Brasileira, por exemplo, temos grandiosos/as escritores/as afrodescendentes que, no entanto, por possuírem essa origem afro, são mencionados/as esporadicamente ou, quando mencionados/as, têm suas origens ocultadas. É preciso, portanto, colocar em destaque de forma que a maioria saiba tanto sobre aspectos históricos, geográficos, literários etc. dos negros quanto sabe dos brancos (OS PRÉ-CONCEITOS..., 2009).

3.2 O que já mudou

Mesmo com tanta coisa que ainda precisa melhorar no que se refere ao negro e ao abordado em questão, na literatura, alguns pontos conseguiram remar contra a corrente. Um

exemplo disso é a crescente força da temática, ou melhor, a força e a necessidade da literatura negra, a “fome” representativa, a “fome” de inserção, fome essa que a população passa a sentir ao perceber – mesmo sem um processo educacional-político que a impulse – que personagens e histórias sob o ponto de vista do negro quase não existem na literatura e, quando aparecem, são, como apontado anteriormente, de forma desprestigiada ou alegórica quanto ao negro, e mais outras, as que seriam de “fato” o que se cunha como literatura negra – sob a perspectiva do negro –, não são postas em evidência. É diante disso que livros sob o ponto de vista dos negros, e principalmente de escrita negra, estão cada vez mais subindo de audiência, sendo cada vez mais comprados e discutidos. Um exemplo disso, sem deixar de lado o fato de o livro ser “bom” em vários sentidos, é que a obra aqui abordada, *Torto Arado*, foi o livro mais vendido em 2021 pela Amazon, segundo o site Terra. Esse fato acaba ressaltando a “qualidade” de escrita de autores/as negros/as, antes negada e ainda negada por alguns, e a busca por obras com o negro em posição de destaque. De forma sintética e de forma geral, o que mudou até então foi principalmente o pensamento dos próprios negros afrodescendentes, que passaram a escrever e ler o que escrevem e/ou se atentar a como escrevem sobre eles, mesmo remando contra a maré de silenciamento e invisibilização.

3.3 O que ainda precisa mudar

Antes de apontar o que precisa mudar, para uma melhor compreensão, é preciso fazer uma digressão e pôr em evidência a importância da literatura. Assim, como afirma Alessandra Rufino Santos:

[...] a literatura é vista como um dos elementos de construção do pensamento social, já que almeja uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade ao evidenciar crenças e percepções pessoais, possibilitando que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Nesse sentido a literatura ganhou espaço entre os brasileiros desde o período colonial (2008, p. 1).

O que a autora nos aponta é que a literatura proporciona aos/às leitores/as conhecerem mais sobre o mundo moderno, ter um vislumbre de acontecimentos que poderão surgir, ao mesmo tempo que pode ainda apresentar o processo civilizatório pelo qual seus ancestrais passaram, ou mesmo outros povos. A literatura faz com que o/a leitor/a viaje na e através da história, faz com que se apodere de princípios universais e, conseqüentemente, compreenda o valor da cultura e da passagem de valores através dos tempos.

Dessa forma, mesmo com a mudança mencionada anteriormente, retomando a pesquisa da professora Regina Dalcastagnè, os dados apontam que os escritores brancos correspondem a 93,9%, enquanto os personagens são apenas 7,9% negros, dos quais somente 5,8% são protagonistas e 2,7% são narradores. Esses dados expõem que a quantidade de autores/as, personagens e narrativas sob o olhar dos negros ainda permanece à margem. Isso ocorre graças ao ainda permanente processo de naturalidade da escravidão, da negação da fala ao negro, como também de estudo e de escrita, em decorrência do que se aponta como ineficiência, colocando a falta de qualidade de escrita dos negros como argumento determinante para a negação de autores/as e obras e para a falta até mesmo de membros destes na Academia Brasileira de Letras, que até o presente possui três membros negros desde que foi criada, sendo dois já falecidos e nenhuma mulher. Isso, no entanto, como exposto no primeiro capítulo, trata-se de uma estratégia que busca apenas manter os privilégios dos beneficiários de todo esse processo, os brancos elitistas, descendentes dos colonizadores.

Fazendo outra digressão, esse contexto de vácuo de obras e autores negros brasileiros seria ainda um dos fatores do que chama Boaventura de Souza Santos de *epistemicídio*. Ele relaciona o *epistemicídio* “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (SANTOS, 2009, p. 183).

Como pontua Mariana Lima no site Politizi (2021), o autor compreende o epistemicídio como sendo a outra face do genocídio – cabendo aqui o genocídio do negro brasileiro; seria a face que atua como “um dos instrumentos mais eficazes e duradouras para a dominação racial, ao fortalecer a negação da legitimidade desses saberes de forma a impactar também no reconhecimento da população oprimida como sujeitos de direitos” (LIMA, 2021).

É nesse sentido que o autor afirma que:

[...] no processo de exclusão o crivo é racial, [...], o epistemicídio, é utilizado como estratégia de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra. Esse mecanismo faz parte de um contrato e após esse contrato entrar em vigor a epistemologia hegemônica controla a produção e a legitimação do conhecimento, assim como a necropolítica controla e administra a política da morte dos corpos (SANTOS, 2009, p. 169).

É diante disso que mudanças urgem primeiramente na educação e na política, pois é preciso que as escolas – a estrutura educacional e os/as professores/as – passem a proporcionar aos/às alunos/as contato direto com obras literárias negras e de autores negros. Para fazer isso,

é necessário pôr em prática, de maneira eficiente, o que foi promulgado na Lei nº 10.639/03, a qual alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando obrigatório o ensino, em todos os níveis, da história e cultura afro-brasileira. Ou seja, é preciso que, na escola, principalmente no ensino da literatura, os/as professores/as passem a prestigiar mais a oralidade, uma vez que atualmente a literatura preocupa-se quase que unicamente com o que tem materialidade escrita, o que acaba deixando de lado várias formas de manifestação culturais, religiosas e artísticas dos negros e de outros grupos sociais, formas essas que foram utilizadas como um recurso para manter a ancestralidade que se queria apagar.

Além de mudanças nas escolas, é preciso haver mudanças nas instituições de Ensino Superior, assim como em outros meios. É preciso que se tenha um ambiente “democrático”, e um dos processos que auxiliam isso é a existência de representantes dos mais variados grupos sociais, o que, no caso do negro, por exemplo, infelizmente não se percebe na atualidade. Ter esse ambiente multicor proporciona que se tenha temas variados e não somente a presença, ou melhor, a continuidade excludente do que ainda se considera como adequado, “bom”, e sobre o que deve ser ou não trabalhado, a permanência dos paradigmas atuais.

Assim como nas instituições de Ensino Superior, é preciso que esse ambiente “democrático” esteja presente na academia de literatura brasileira, uma vez que, como já citado, os membros que a constituem são, invariavelmente e quase na sua totalidade, brancos. Isso contribui para que o cânone literário, que dita o que é “boa literatura” ou não, e quem pode fazer literatura, bem como quem pode fazer parte da academia, se mantenha imutável. Uma forma de mudar isso poderia ser a nomeação da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo para ocupar uma das cadeiras da instituição, sendo ela mulher negra que trata das experiências e vivências do povo negro, especialmente da mulher negra.

Contudo, se os outros processos não acontecem ou acontecerem, é preciso que a sociedade, principalmente os próprios negros, passem a cada vez mais criar mecanismos próprios, a exemplo do Quilombhoje, como forma de eles mesmos darem voz a si próprios, na busca por construir mecanismos de descentralização e deslegitimação de paradigmas sem a necessidade de “aceitação”, se unindo e constituindo algo para si. É necessário, pois, que percebam que não precisam de permissão ou aceitação para que escrevam, falem, criem. O fundamental é levar a si, sobre si e o que vem de si para aqueles/as que buscam, para os/as que precisam e, mais ainda, para aqueles/as que ainda não sabem que precisam. E, concomitantemente a isso, é preciso que sejam criadas formas de manter sólidos os costumes, a cultura e as religiões para que cada vez mais pessoas observem que o negro é um, senão o, alicerce da cultura, da religião, da política e da educação geral do Brasil.

Assim, por fim, é preciso pôr em evidência o que diz Vagner Amaro, editor da Malê, em um recorte presente no periódico *EL PAÍS*, escrito por André de Oliveira. Como afirma o editor da Malê: “Qualquer ação que vise democratizar a ampliação de leitores, terá que passar pela questão da diversidade e da representatividade na literatura”. Contudo, como bem ressalta, “Isso não é um chamado para que os escritores brancos passem a escrever personagens negros, pois é importante que se preserve a liberdade criativa. O que é preciso é que se amplie as possibilidades de acesso para livros de autores negros” (OLIVEIRA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo amplo sobre a forma como a voz negra tem sido apresentada/representada em obras literárias brasileiras contemporâneas, uma vez que, tendo como base as pesquisas de Regina Dalcastagnè, a literatura negra, também conhecida como afro-brasileira, permanece às margens do cânone literário. Assim, tomou-se como objeto de análise a obra *Torto Arado* (2019) em virtude do diálogo, de forma metalinguística, sobre a presença do negro e da voz negra na contemporaneidade. Com isso, e com o respaldo teórico-crítico, foi possível observar de que modo autores/as e obras de literatura negra contemporânea abordam o silenciamento imposto a essa parcela da população e como dão voz a narrativas, experiências e vivências não abordadas ou não postas em evidência em outros tempos.

Diante do objetivo mais amplo da pesquisa, constituiu-se como o primeiro passo construir um percurso histórico pelo qual o negro passou até chegar a ser autor/a e/ou protagonista da história. Através desse percurso, foi possível observar que o negro, em diversas obras, autores e épocas, sofreu um longo e profundo processo de silenciamento, um apagamento da sua presença e do que vem dele na literatura. Isso se dá em face dos processos de invisibilização, de objetificação e de desumanização do negro e do que vem dele na literatura como um reflexo da realidade, reflexo esse de um processo de *epistemicídio*, como cunhado por Boaventura de Sousa Santos.

Em sequência, tratou-se de realizar uma análise pautada nos conceitos de Dalcastagnè sobre o romance contemporâneo brasileiro, em que o romance seria um “mecanismo”, uma forma discursiva que possibilita ao/à leitor/a abranger novas perspectivas de mundo, bem como se sentir representado ou experimentar novas vivências. Partindo dessa linha de pensamento, na obra *Torto Arado*, foi perceptível o fato de que a faca e a perda da língua representam o processo de emudecimento do povo negro, que reage e resiste, como Belonísia, a partir de subterfúgios que os fazem ser ouvidos e rasurar esse sistema branco elitista que por vezes silencia e oprime tudo o que é de origem negra.

A última parte do trabalho consistiu numa sistematização dos processos de mudanças que já ocorreram, como no caso da premiação de obras como *Torto Arado* – escrita por um autor negro e com narrativa voltada para o povo negro –, bem como num delineamento de alguns processos que ainda exigem mudanças, como no caso da abordagem e dos conteúdos em sala de aula. Com isso, foi possível levantar algumas questões que ainda precisam de atenção.

Ao chegarmos ao final deste trabalho, retomando a hipótese inicial levantada, de que os obstáculos que dificultam o acesso à produção e a obras literárias de autores/as negros/as e/ou

com temáticas negras persistem graças à literatura ser uma manifestação social, pode-se chegar, assim, a algumas conclusões. A primeira delas é de que os processos de negação, desumanização, deslegitimação, objetificação, entre outros, presentes nas obras literárias resultam da realidade brasileira, uma vez que os mesmos processos, por vezes mais e por vezes menos, são facilmente identificáveis na construção social brasileira, na forma como muitos se negam a pensar, revisitar e falar sobre a escravidão e seus desdobramentos, pois são vistos como desnecessários graças ao emprego de uma política – falsa, ilusória – de democracia utilizada como forma de manter as aparências e de manter ocultos os privilégios que as pessoas brancas possuem no país, como modo de ocultarem o processo constitutivo do Brasil.

A segunda conclusão a que se chega é acerca da importância da literatura negra. Diante de um cânone excludente, que coloca a “diversidade” cultural, de abordagens e de autores/as à margem, torna-se preciso cada vez mais produzir literatura negra, indígena, LGBTQIA+ etc., e isso não como forma de legitimação, mas para que cada vez mais pessoas pensem sobre o processo excludente, para que cada vez mais pessoas busquem – aqui sem a pretensão de deslegitimar o cânone – ler obras fora do cânone literário brasileiro, busquem, sobretudo, construir a diversidade.

Para chegar a essas conclusões, a leitura inicial do romance selecionado para análise foi de suma importância, uma vez que por meio dele se tornou possível o contato com discussões já existentes no que diz respeito à temática negra. A partir da leitura, foram realizadas buscas no Google Acadêmico (Scholar) por textos que abordassem a representação da voz negra, ou a ausência dela, e também textos que abordassem aspectos do livro *Torto Arado* (2019). Assim, o estudo se desenvolveu a partir do respaldo teórico-crítico sobre a temática negra e da seleção e reflexão acerca de passagens (trechos do romance) escolhidas, aquelas intrinsecamente ligadas com a representação (ou a falta dela) da voz negra na literatura, nas escolas, na sociedade etc.

Contudo, cabe ressaltar algumas limitações desta pesquisa. Uma delas é o pouco tempo, dificultando a realização de um número maior de análises de obras relacionadas ao tema do estudo. Outra limitação foi a dificuldade de acesso a tais obras, sendo necessário adquiri-las, uma vez que dificilmente estão presentes nas bibliotecas. Por fim, cabe salientar ainda o fato de este estudo ser construído partindo somente de uma obra contemporânea de temática e autoria negra.

Merece destaque o fato de que *Torto Arado* – um livro que retrata e dialoga sobre as mazelas do período pós-escravidão –, ao receber os “maiores prêmios” do Brasil, evidencia uma leve, recente e tardia preocupação, ao menos aparente, no pensamento de algumas pessoas

e instituições sobre a falta de representação dos acontecimentos sob o olhar do outro – aquele que não é branco, europeu, heterossexual –, no que foca a obra, dos escravizados e dos seus descendentes, sob o olhar de pessoas negras. E, junto a isso, evidencia-se o fato de que pessoas e temáticas negras podem sim produzir e resultar em excelentes obras de Literatura Brasileira.

Cabe ainda salientar a importância deste trabalho para os estudos literários desse tipo de escrita; esta pesquisa desde o início teve como um de seus propósitos, sem a pretensão de esgotar a temática, evidenciar a importância da diversidade literária, ou melhor, a importância do incentivo e da necessidade da diversidade literária. Dessa forma, este trabalho contribui para que a questão da diversidade, e especificamente a literatura negra, esteja presente na academia e, assim, para que cada vez mais pessoas conheçam, fazendo com que os processos que negam e deslegitimam a necessidade de uma literatura negra caiam por terra. Juntamente a isso, serve como um trabalho de incentivo para que cada vez mais pessoas negras relatem, narrem, vocalizem etc. suas experiências, suas *escrevivências*, sem a pretensão ou necessidade de uma “aceitação” ou legitimação do cânone.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas busquem traçar um panorama contemporâneo maior, na busca por colocar mais obras em destaque na academia e na sociedade. Além disso, propõe-se que estudos aplicados sobre a temática busquem problematizar o cânone literário, de modo que seja apresentada a importância da diversidade narrativa, endossando a importância estética e enfatizando as possibilidades que a diversidade abrange.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. **Belo Horizonte (MG):** Letramento, 2018.
- ALVES, Castro. **O navio negreiro**. Panda Books, 2014.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Garnier, 1890. (Versão eletrônica da edição original disponibilizada pela Biblioteca Brasileira Digital – USP).
- CASTILHO, Suely Dulce de. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar de Professor** (UEPG. Impresso), v. 1, p. 103-113, 2004.
- COSSON, Rildo; SCHWANTES, Cíntia. Romance histórico: as ficções da história. **Itinerários** (UNESP), Araraquara, v. 23, p. 29-37, 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/7380>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13-71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 54, p. 195-209, 2018. DOI: 10.1590/10.1590/2316-40185411. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10367>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Rassegna Iberistica**, v. 37, p. 259-280, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 7 mar. 2022.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

GODOY, Marcos Vinícius Ferreira de. **Modernismo e Raça Negra**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/modernismo-e-raca-negra/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. FTD Educação, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Carina Bertozzi de. Literatura negra - uma outra história. **Terra Roxa e Outras Terras**, v. 17-A, p. 67-77, 2010.

LIMA, Mariana. **O que é epistemicídio?**. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-epistemicidio/#:~:text=Para%20ele%2C%20o%20epistemic%C3%ADdio%20seria,oprimida%20como%20sujeitos%20de%20direitos>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOPES, Roberta Castilho Andrade. **A construção do direito à moradia no Brasil**: da formação da norma à judicialização no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, 2014.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. **A construção do negro no romance Úrsula**. Belo Horizonte, 2010.

NAVARRO, E.; PAULA, M. F. Cobrir e mostrar a cara: a recuperação do romance histórico no século XXI em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior, e Formas de Voltar para Casa, de Alejandro Zambra. **Literatura e Autoritarismo** (UFSM), v. 1, p. 5-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/63294>. Acesso em: 21 maio 2022.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, p. 621-623, 2009.

OLIVEIRA, André de. Os negros como protagonistas na literatura num país de maioria negra. **El País**, p. 22-25, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/cultura/1526921273_678732.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

OSPRÉ-CONCEITOS contra o negro na Literatura Brasileira. **Appsindicato**, 2009. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/?p=10479/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

PINTO, Walber. **Saiba o que é racismo estrutural e como ele se organiza no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/saiba-o-que-e-racismo-estrutural-e-como-ele-se-organiza-no-brasil-0a7d>. Acesso em: 21 maio 2022.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examãpaku**, Boa Vista, 25 jul. 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SCALIA, Liana Aragão. Torto Arado é literatura engajada. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 13, p. 243-251, 2021.

SILVA, Adriana Minervina da. Literatura e resiliência: uma leitura decolonial de Kehinde em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. *In: XIII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE Histórias e mídias: narrativas em disputa*, 2020, Recife-PE. **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História**. CBL Câmara Brasileira do Livro, 2020.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.